

Aprenda a escrever com o nariz¹

João de Mancelos

(Universidade Católica Portuguesa)

Um colega contou-me um caso estranho, acontecido há alguns anos. Uma noite, teve de atalhar caminho para casa, através de um jardim da cidade, por onde raramente passava. Sendo já tarde, não se escutava nem os gritos das crianças na brincadeira, nem o bulício do trânsito; como as copas das árvores cobriam os candeeiros públicos, a fraca luminosidade provinha apenas da lua. Nestas circunstâncias, os sentidos da audição e do olhar cediam a primazia ao olfato, que detetava os diferentes aromas do relvado, flores e árvores, mais intensos ainda no escuro.

De súbito, o meu colega foi avassalado por uma série de memórias da infância mais remota (imagens, risos, faces) tão vívidas que julgou ter viajado no tempo. Perturbado com esta experiência, telefonou aos pais, contando-lhes o sucedido. A explicação surpreendeu-o. Estes revelaram-lhe que, quando ele era ainda uma criança de colo, levavam-no frequentemente a passear àquele jardim. Naquela noite, o seu nariz trouxera à superfície uma miríade de recordações guardadas na cave do cérebro. Existe uma razão científica para este fenómeno. Dos cinco sentidos, o olfato é o mais associado à memória: o córtex olfativo liga-se diretamente à amígdala, que experiencia as emoções, e ao hipocampo, uma área que consolida as lembranças.

Se o olfato é um sentido essencial, os escritores aprendizes devem invocar odores e aromas nas descrições, para criar uma atmosfera mais realista. Vejamos um bom exemplo de “escrita olfativa”, extraído do célebre romance “O Perfume”, de Patrick Süskind: “Tinha um odor simplório, o mar! Contudo, era simultaneamente um odor grandioso e único no seu género, o que levava Grenouille a hesitar dividi-lo em odores a peixe, água, sal, sargaço, frescura e outros. Preferia manter a unicidade do odor do mar, memorizá-lo num todo e usufruí-lo sem divisões. O odor do mar agradava-lhe tanto que desejou poder um dia tê-lo em toda a sua pureza e em tal quantidade que lhe permitisse embriagar-se nele”.

Este belo excerto demonstra que um autor pode recorrer ao olfato para criar descrições simultaneamente originais e evocativas. Se quer treinar esta técnica, sugiro-lhe um exercício simples, que pode realizar na praia: estenda a toalha, deite-se, esconda os binóculos que usa para observar a inquilina do guarda-sol azul, e feche os olhos. Privado da visão, descreva o

¹ Mancelos, João de. “Laboratório de Palavras: Aprenda a escrever com o nariz”. *Os meus livros* 101 (ago. 2005): 42.

ambiente que o rodeia, recorrendo apenas ao olfato. Possivelmente, notará o odor do creme de bronzear, da bolacha americana que o seu mano mais novo mordisca sem sequer oferecer, do arroz de frango que os vizinhos trouxeram no farnel, o cheiro intenso da maresia ao final da tarde, etc. Existe uma multiplicidade de aromas que até então ignorara! Este exercício pode ser feito nos mais diversos lugares: carruagens de comboio, cafés, ginásio. Cada lugar possui uma atmosfera específica e cabe-lhe transmiti-la ao leitor com veracidade. Este Verão, aprenda a escrever com o nariz.